

TEORIA GERAL DOS SIGNOS: como as linguagens significam as coisas

Lúcia Santaella



A TEORIA DOS SIGNOS

- Três origens: **EUA** (1), Europa Ocidental e União Soviética
 - (1) **SEMIÓTICA** (*teoria lógica, filosófica e científica da linguagem*):
 - **Charles Sanders Peirce**
- A semiótica como parte da ***fenomenologia***
 - quase-ciência que investiga os modos como apreendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente (fenômeno).



● PRIMEIRIDADE

- o que há no fenômeno enquanto qualidade, originalidade, possibilidade...
- corresponde ao acaso, ou o fenômeno no seu estado puro que se apresenta à consciência.

● SECUNDIDADE

- dualidade, ação e reação, aqui e agora...
- é o conflito da consciência com o fenômeno, buscando entendê-lo

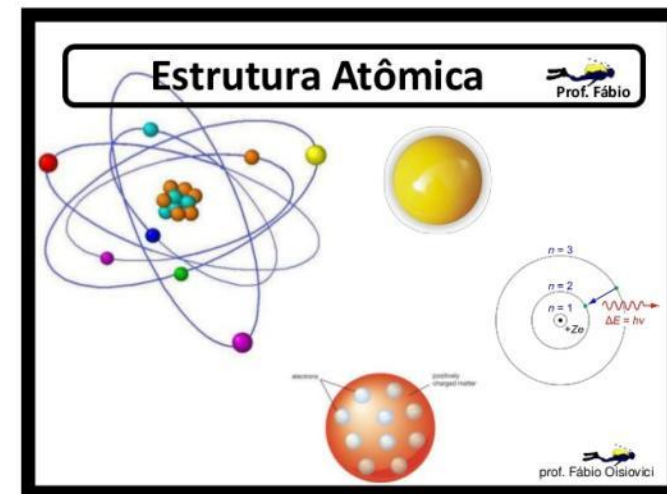
● TERCEIRIDADE

- generalidade, continuidade, inteligência...
- É o processo, a mediação; a interpretação e generalização dos fenômenos.



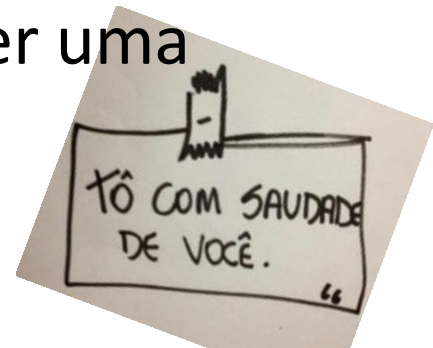
Signo é alguma coisa para alguém?

- Definição simplificadora
 - fenômeno abstrato e complexo...
 - Definição que abranja fenômenos os mais diversos
- Relação entre três termos: SIGNO – OBJETO – INTERPRETANTE.
 - O SIGNO é determinado pelo OBJETO e determina o INTERPRETANTE.
 - Função mediadora do signo
 - O interpretante é criado pelo signo (\neq intérprete)



Signo/representamen, objeto e interpretante

- P. 14: “Um signo é um *representamen* com um interpretante mental”
- P. 15: **OBJETO**
 - Aquilo que o signo representa, revela ou torna manifesto
 - Não necessariamente é um existente ou objeto real nem individual ou singular
 - Pode ser uma coleção de coisas; pode ser uma ideia ou abstração



- **INTERPRETANTE**

- Não é simplesmente uma interpretação particular, singular do signo
- O interpretante depende do signo e não de um ato isolado de interpretação individual

- P. 17: A representação está na relação triádica e não apenas no primeiro termo.

- P. 18. A SEMIOSE É INFINITA



- P. 19. Na tríade genuína, interpretante e objeto também são signos.
 - Uma análise sempre interrompe e fixa apenas um momento da geração de sentido do signo

O fundamento do signo

- O signo é o PRIMEIRO da relação triádica, mas só se define na tríade
 - PRIMEIRO: Caráter de qualidade e possibilidade (1ª categoria fenomenológica)
 - “a relação do signo com o objeto não pode prescindir da referência a um interpretante”
 - Qualidade como POTENCIALIDADE SIGNICA
 - A qualidade não é um signo enquanto não for interpretada como tal
 - QUASE-SIGNOS

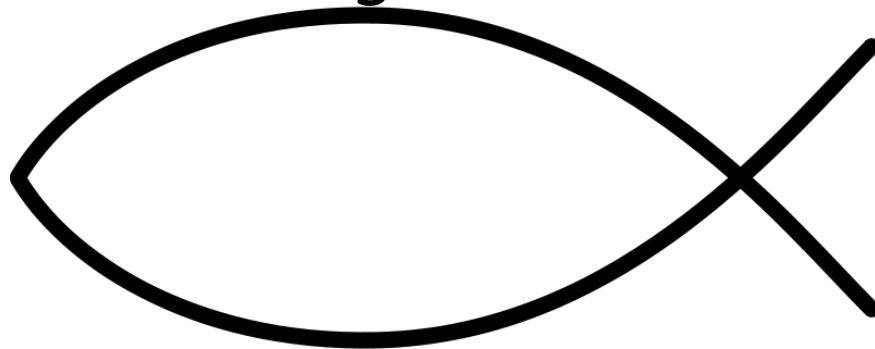
Caráter vicário do signo



- O signo **representa...** => **está para/ está em lugar de...**
 - ...Não o substitui.
- *“há sempre uma **sobra do objeto** que o signo não pode recuperar, pelo simples fato de que o objeto é um outro diferente dele”*(p. 23)
- AUTOGERAÇÃO: propriedade do signo de produzir um interpretante
 - O “pensamento interpretador” ou “efeito real ou potencial” (interpretante) é determinado pelo signo

Ícone, índice e símbolo (p. 27)

- “quando se trata de um signo atual, concretamente manifesto, este vem sempre com **misturas** de caracteres icônicos, indiciais e simbólicos”
- “a **aplicação** das definições a signos atuais deve se fazer acompanhar do escrutínio delicado e paciente de misturas específicas que se manifestam na teia singular de um signo atualizado”



O problema do significado

- O signo transmite um **significado** (interpretante imediato) e provoca um **interpretante** (dinâmico)
 - I. imediato: propriedade objetiva interna ao signo
 - I. dinâmico: ideia/efeito que o signo efetivamente provoca



– **I. FINAL:** revelador do objeto último do signo
(hipoteticamente, a finalização da semiose):

- *“caso limite ou ideal em que todos os signos do objeto tenham sido exaustivamente interpretados, o que é quase impossível de acontecer, uma vez que não há um limite a priori no número de signos que um objeto possa ter ou no potencial de sua interpretabilidade”* (p. 31)



Por fim...

- “o lugar lógico do **objeto** é o da ‘**realidade**’, a qual se torna manifesta através da mediação dos signos. Só temos acesso a ela através dos signos. Mas ao mesmo tempo, a ‘realidade’ é aquilo que determina ou impulsiona a produção de signos” (p. 30).

